

# Fetichização da mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais: o papel do design em sua conscientização e resistência

## *Fetishization of East Asian women and their transnational dispersions: the role of design on its awareness and resistance*

Tamilyn Tiemi Massuda Ishida, Dr. Eduardo Cardoso Braga (orientador)

Centro Universitário Senac

Bacharelado em Design com Linha de Formação Específica em Design Gráfico

tamilynishida@gmail.com, eduardo.cbraga@sp.senac.br

**Resumo.** Este artigo analisa a construção do conceito de Oriente de modo geral e, mais especificamente, a de mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais (diásporas). Utiliza como suporte conceitual as reflexões em torno dos estudos pós-coloniais de Edward Said e dos estudos culturalistas de Stuart Hall, bem como de outros autores situados nesses campos de pesquisa. Foram aplicadas análises em mídias como cartazes e filmes, constatando como retratam mulheres asiáticas de maneira equivocada e como reproduzem um processo de dominação e subordinação dessas mulheres, inferiorizando-as e podendo limitar o desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, criativas e sociais. Desta forma, concluiu-se com a possibilidade de uma pesquisa-ação na qual o design social possa contribuir como resistência e conscientização dessa situação e sua superação em direção a uma sociedade mais justa.

**Palavras-chave:** Orientalismo, estereótipos, mulher leste asiática, diáspora, design social.

**Abstract.** This article analyzes the construction of the concept of the Orient in general and, more specifically, of East Asian women and their transnational dispersions (diasporas). It utilizes as a conceptual support the reflections around Edward Said's post-colonial studies and Stuart Hall's cultural studies, as well as other authors situated on these fields of research. Analysis were applied on medias such as posters and movies, stating how they portray Asian women in an equivocate way and reproduce a process of domination and subordination over these women, which may undermine and limit them on their intellectual, creative and social potentialities. Thus, the research was concluded with the possibility of an action research in which social design may contribute with the resistance and awareness of this situation and its overcoming towards a fairer society.

**Key words:** Orientalism, stereotypes, East Asian women, diaspora, social design.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística  
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design  
Vol. 8 Nº 4 – (Junho) de 2019, São Paulo: Centro Universitário Senac  
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>  
E-mail: [revistaic@sp.senac.br](mailto:revistaic@sp.senac.br)

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional 

## 1. Orientalismo: o imaginário do Ocidente sobre o Oriente

Ao longo da história, o Ocidente sempre se afirmou ao identificar o Outro, o Oriente, contrastando-o à sua própria imagem (SAID, 2007). Said nomeia e define o que chamamos de Orientalismo:

[...] o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (2007, p.29).

Desta forma, neste processo de construção do Outro, o Oriente torna-se um lugar estranho, exótico, contrapondo-se a uma suposta “norma” Ocidental (FANG, 2014). No caso de países do chamado “Extremo Oriente”, esta distinção para além do medo e apreensão, uma vez já manifestados através do “Perigo Amarelo” ou “Yellow Peril” (termo utilizado numa época em que a inquietação acerca da potencial ascensão econômica de países asiáticos se tornava constante tanto na Europa quanto nos EUA), também pode ocorrer de tal forma em que o fascínio pelo Outro se faz evidente (DEZEM, 2005).

Afong Moy é considerada a primeira mulher chinesa a ir para os Estados Unidos. Trazida por comerciantes americanos no ano de 1834, Moy tornou-se parte de uma exibição em um museu de Nova Iorque. Por cinquenta centavos visitantes podiam vê-la em uma sala decorada com ornamentos chineses onde “[...] respondia a perguntas através de um intérprete, comia suas refeições com pauzinhos e, ocasionalmente, andava pela sala para que pudessem ver as amarrações em seus pés,” (GANDHI, 2017, tradução nossa) prática de mutilação comum em meninas na China no século X, que já foi considerado sinal de status e beleza, banido em 1911<sup>1</sup> (CROSSLEY, 2014). O fato é que sua alteridade foi considerada o bastante para que se tornasse a atração central daquele museu.

**Figura 1. Ilustração de Afong Moy.**



**Fonte: NBC News**

<sup>1</sup> Sobre tal fato vale mencionar Qiu Jin (1875-1907), poeta feminista e revolucionária chinesa que se opunha fortemente à prática conhecida como “pés de lótus”, defendendo a libertação de mulheres chinesas (THE NEW YORK TIMES, 2018).

Assim, ao se discutir o Orientalismo desta perspectiva, somada a um recorte de gênero especificamente sobre mulheres leste asiáticas, percebem-se as relações de poder que se instauraram a partir do desejo ocidental de dominação sobre a Ásia e, conseqüentemente, de suas mulheres, nas quais sua subordinação e subserviência eram desejadas, tendo como efeito a exotificação e o fetiche sobre estes corpos, ainda recorrentes nos dias atuais (WOAN, 2008), que se reflete em experiências diaspóricas, termo assim utilizado por Hall (2003), causando impactos em sucessivas gerações.

## 2. Estereótipos de asiáticos na mídia ocidental

Desta forma, há de se notar que o imaginário da população acerca de asiáticos também pode refletir na ficção, entretanto, não podemos entender os estereótipos como simplesmente originários da mídia. Eles são reproduzidos e difundidos em dados contextos, relacionados a formas de exercício de poder, podendo ser vinculados a certos discursos ideológicos. Porém, a mídia, com seu grande poder de difusão da informação, pode contribuir com o impacto e permanência desses estereótipos, transformando-os em referências comuns ao torná-las parte da experiência individual e social (BIROLI, 2011).

Assim, antes de tudo, deve-se ressaltar que "os asiáticos não constituem de forma alguma uma "raça", nem tampouco uma única "etnia"" (HALL, 2003, p.69), pois, dada a grande dimensão de seu continente, é necessário entender que "[...] são perpassados por diferenças regionais, urbano-rurais, culturais, étnicas e religiosas" (HALL, 2003, p.69) e, portanto, "a nacionalidade é frequentemente tão importante quanto à etnia" (HALL, 2003, p.69), logo, este fato não deveria desaparecer em situações diaspóricas<sup>2</sup>.

No entanto, a distinção quanto à representação da imagem de mulheres e homens leste asiáticos no ocidente deve ser considerada. Apesar de inter-relacionados, Ono e Pham (2009) afirmam que essa diferença se deriva de uma lógica colonial que retrata a mulher leste asiática como altamente desejável e que necessita ser salva pelo homem branco, colocando-a em contraste com o homem leste asiático. Diante deste raciocínio, tal como se fundamenta o mito do Perigo Amarelo, ele é visto como indesejável e inferior ao homem branco. Assim, na época, com a publicação do livro o Mistério do Dr. Fu Manchu (1913) de Sax Rohmer, seguido das mais variadas adaptações para o cinema, televisão e quadrinhos, Fu Manchu torna-se a personificação do Perigo Amarelo.

**Figura 2. Personagem Fu Manchu em A Face de Fu Manchu (1965)**



**Fonte: Pacific Citizen**

<sup>2</sup>Aqui, no sentido de considerar vivências e experiências plurais, entendendo suas particularidades em diferentes contextos (e.g. população da Ásia x diáspora asiática). Como diz Hall (2003, p.15-16), "[...] a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância ser examinada." Hoje, a palavra "diáspora" está associada ao espaço transnacional, incluindo todas as raças e etnias provenientes das culturas que perderam as suas amarras territoriais. A pátria das diásporas torna-se subjetividade construída, assentando-se numa terra adotada emocionalmente e que cruza pelo menos duas culturas. As diásporas pós-modernas põem em causa o conceito de 'estadação', agora visto como não mais um simples local cultural homogêneo, mas plural.

Diversos outros fatores históricos contribuíram para o surgimento desses estereótipos, fazendo com que a chamada emasculação do homem asiático fosse construída: leis anti-imigratórias como o Ato de Exclusão Chinesa (1882), leis de antimiscigenação que proibiam relacionamentos inter-raciais, leis que dificultavam a obtenção da cidadania americana, bem como o pensamento de que representavam uma ameaça para a mão de obra branca, forçando-os optarem por trabalhos considerados “para mulheres” como, por exemplo, em lavanderias (PARK, 2013). Assim, a narrativa reforçada por muitas das produções de Hollywood passaram a apresentar o homem leste asiático como socialmente inepto e desajustado, como podemos citar aqui os personagens Long Duk Dong de *Sixteen Candles* (1984) e Sr. Yunioshi do filme *Bonequinha de Luxo* (1961).

**Figura 3. Personagem Long Duk Dong em *Sixteen Candles* (1984)**



**Fonte: Daily Actor**

**Figura 4. Personagem Sr. Yunioshi em *Bonequinha de Luxo* (1961)**



**Fonte: Streamline**

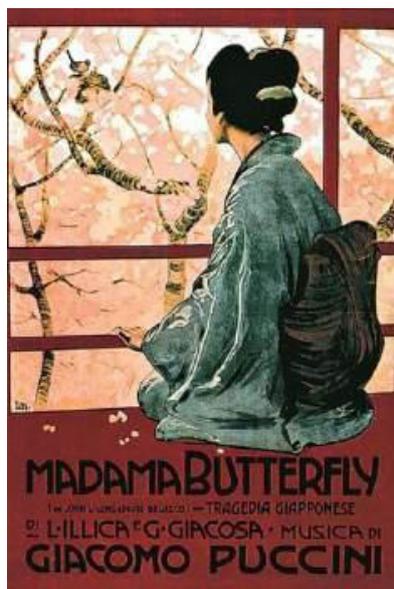
Quanto às mulheres leste asiáticas, pode-se afirmar que a narrativa presente na mídia ao longo da história, exotificam e fetichizam sua essência, muitas vezes incorporando e reforçando características que pressupõem a presença nelas de um aspecto dito “oriental” (ISOLA, 2015). Portanto, serão citados alguns dos principais estereótipos direcionados à mulher leste asiática, lembrando que experiências e pontos de vista acerca da representação midiática dependem do contexto no qual aquele que deseja ver-se representado está inserido e que seu cumprimento não deve ser levado como fim às dinâmicas de poder vigentes na sociedade.

## White savior

Nesse contexto em específico, o termo white savior (salvador branco) é usado para descrever personagens que são colocados como “salvadores” de um Oriente primitivo e exótico e, portanto, apresentados em tom fortemente colonizador (ONO; PHAM, 2009). Em muitas das narrativas em que esse tipo de ideia está presente, a mulher asiática é tratada como um objeto sexual para satisfazer os desejos do homem branco, dominando-a e conquistando-a.

O livro semi-autobiográfico *Madame Chrysanthème* (1888) de Pierre Loti reflete essa visão colonial e orientalista ao contar a história de um oficial da marinha francesa que viaja a Nagasaki, Japão em busca de uma noiva temporária até seu retorno à Europa que, segundo ele, deveria ser “[...] bonita e não muito maior que uma boneca” (LOTI, 1888, p.4, tradução nossa). Ao decorrer da trama, características como “mãos delicadas”, “pés em miniatura” e a comparação com “pequenos enfeites de porcelana” (LOTI, 1888, p.14, tradução nossa) são utilizados para descrever e moldar tal percepção ocidental sobre a mulher japonesa que lhe impõe o aspecto similar à de uma boneca e que, certamente, a desumaniza. Alguns anos mais tarde, *Madame Chrysanthème* (1888) inspira a criação da ópera *Madama Butterfly* (1904) de Giacomo Puccini que, de maneira semelhante, conta a história de um oficial da marinha dos EUA que aluga uma casa no Japão onde, durante sua estadia, lhe é apresentada uma noiva japonesa, Butterfly (ou Cio Cio San). Pinkerton, o oficial, parte para os EUA logo após se casarem, deixando sua esposa para trás. Ao decorrer dos anos, outras versões desta ópera são produzidas e reencenadas, inclusive no Brasil, tendo sua estreia em 1907 no Teatro Politeama de São Paulo e em 1912 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (MIDIORAMA, 2014).

**Figura 5. Cartaz da ópera *Madama Butterfly* (1904)**



**Fonte: Bitch Media**

Figura 6. Divulgação do filme O Bárbaro e a Gueixa (1958)



Fonte: IMDB

## Gueixa/China Doll

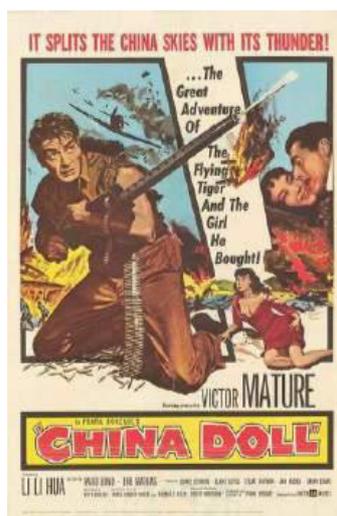
O estereótipo da Gueixa ou China Doll (utilizados para a mulher japonesa e chinesa, respectivamente, mas não somente a elas atribuídos), caracterizam-nas como obedientes e passivas, sendo que, nesses contextos em que ela está inserida em meio aos costumes tradicionais de sua respectiva cultura, muitas vezes, uma visão errônea, distorcida e, de fato, orientalista, são fixadas à sua imagem.

Figura 7. Personagem Nitta Sayuri em Memórias de uma Gueixa (2006)



Fonte: Adoro Cinema

Figura 8. Pôster do filme Bonequinha Chinesa (1958)



Fonte: IMDB

Tratadas como objetos sexuais, a imagem da mulher servil e submissa sempre estão fortemente presentes nesse tipo de representação, sendo comumente mostradas cometendo suicídio (ONO; PHAM, 2009), deixando explícita a intenção de apresentá-las como extremamente dependentes do homem com quem se relacionam. É importante mencionar que, esse tipo de narrativa, portanto, aparece ligada à concepção do white savior em que, como afirma Woan (2008), é notável a correlação entre o desejo da dominação ocidental sobre a Ásia e a dominação sexual sobre mulheres asiáticas ao apresentá-las como "objeto para o consumo e satisfação dos desejos ocidentais" Kwan (1998 apud WOAN, 2008, p.280, tradução nossa), servindo apenas como "[...] criaturas de uma fantasia masculina de poder. Elas exprimem uma sensualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, desejosas" (SAID, 2007, p.214). Sendo assim, é necessário ressaltar o impacto que a presença militar dos EUA na Ásia causou em relação à sexualização de mulheres asiáticas. Com seu início na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e se perdurando durante a Guerra da Coreia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã (1955- 1975) (PARK, 2014), somada a presença militar japonesa durante seu império na Ásia (1868-1947) que já havia instaurado uma "política formal utilizando o estupro como tática de guerra" (JENKINS, 2011, tradução nossa) forçando as chamadas "mulheres de conforto" (comfort women) à prostituição nas Filipinas, Coreia, China, assim como partes da Malásia, Tailândia, Taiwan, Myanmar e Indonésia, nota-se que o domínio sobre a mulher está intrinsecamente ligado à conquista de uma nação (SAID, 2007). Como exemplo, podemos citar novamente o musical Madama Butterfly (1904) em que a personagem Cio Cio San, ao final da trama, comete suicídio ao tomar conhecimento de que seu marido americano, após abandoná-la ao retornar para os EUA, casa-se com uma mulher americana; e o filme Sayonara (1957) em que o personagem Joe, aviador do exército americano, se suicida junto à sua esposa Katsumi, ao não querer abandoná-la grávida após ter sido ordenado a voltar ao seu país. Esse estereótipo, portanto, tem forte influência na percepção da mulher asiática pela sociedade, e pode ser refletido no denominado yellow fever, ou seja, o fetiche por mulheres asiáticas, consequentemente também afetando experiências diaspóricas.

**Figura 9. Divulgação do filme Sayonara (1957)**

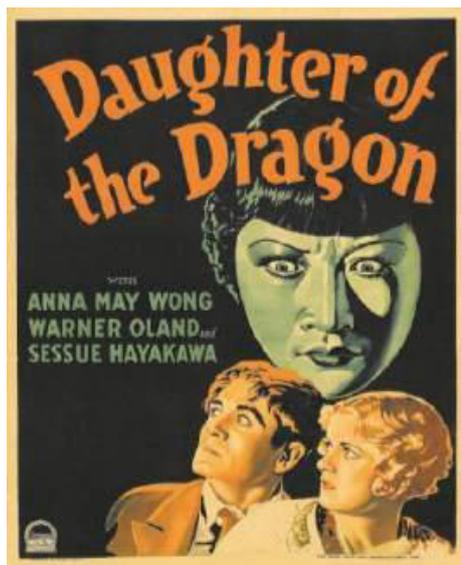


**Fonte: Doctor Marco**

## Dragon Lady

Dragon Lady é a retratação da mulher leste asiática como misteriosa, exótica e ameaçadora, apresentada muitas vezes como a vilã, assim podendo ser considerada como uma versão feminina do Perigo Amarelo (ONO; PHAM, 2009). Grande parte das personagens as quais este estereótipo é aplicado usam vestimentas tradicionais e dominam alguma arte marcial (WANG, 2012). Entretanto, apesar de num primeiro momento este estereótipo aparentar ser uma retratação positiva de uma mulher forte e não submissa, essa idealização utiliza-se de sua sexualidade como ameaça, assim apresentando-a somente como um instrumento em meio a uma estrutura patriarcal (ONO; PHAM, 2009).

**Figura 10. Pôster do filme A Filha do Dragão (1931)**



Fonte: IMDB

**Figura 11. Personagem O-Ren Ishii em Kill Bill (2003)**



Fonte: Comic Vine

**Figura 12. Personagem Katana em Esquadrão Suicida (2016)**



**Fonte: East Coast Movie Guys**

### **3. Identidade e Diáspora**

Ao falarmos de condições diaspóricas, estas trazem consigo conflitos de natureza situacional e interna, bem como afirma Dantas et al (2010), porém segundo Laclau a “[...] hibridização não significa necessariamente um declínio pela perda de identidade. Pode significar também o fortalecimento das identidades existentes pela abertura de novas possibilidades” (apud HALL, 2003, p.87). Por outro lado, no entanto, essa transformação do indivíduo:

[...] advém de um complexo processo de negociação relativo à própria identidade, a identidade grupal, os próprios valores, envolvendo questões étnico-raciais, vivência de preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais, de gênero, enfim, de uma gama de questões relativas à própria existência humana. Este desconecto envolve a vivência de crise psicológica e sua posterior elaboração, quando possível. Esse processo de negociação, contudo, é também realizado por filhos e netos de imigrantes que vivem entre dois [ou mais] mundos de referências culturais distintas em seu dia a dia, sem terem saído do país onde cresceram, mas que cruzam fronteiras culturais a partir do momento em que saem de suas residências. Deste modo, têm de lidar com um duplo quadro de referência, de sentido e pertencimento continuamente, cotidianamente (DANTAS et al, 2010, p.48-49).

Assim, ao contextualizar esta realidade para as diásporas de países leste asiáticos no Brasil, nota-se que uma das questões mais recorrentes nessas vivências é a de não pertencimento, em que lhes são colocadas a ideia de “estrangeiros perpétuos”, implicando sua existência num estado alheio à sociedade brasileira, podendo ser somado ainda a uma homogeneização contínua dessas diásporas, invalidando diferenças entre os vários grupos étnicos que as constituem. Ambos os casos podem ser caracterizados como microagressões (SUE et al., 2007).

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer também como descendentes de asiáticos, especialmente nipo-brasileiros, são vistos como a chamada “minoridade modelo”, termo utilizado pela primeira vez em um artigo publicado no The New York Times com o título

“Uma história de sucesso: o estilo nipo-americano” em 1966 nos EUA, mas que também pode ser aplicado no Brasil. Nele, o sociólogo William Petersen argumenta que os nipo-americanos teriam se tornado o grupo étnico mais bem-sucedido no país devido às suas estruturas familiares sólidas, conseguindo, inclusive, superar a discriminação sofrida no passado (CHOW, 2017), assim incorporando o sonho americano. Mais tarde, tais atribuições passaram a ser utilizadas para caracterizar asiático-americanos em geral (SAYURI, 2017).

Desta forma, embora pareçam atribuições relativamente “positivas” num primeiro momento, o mito da Minoria Modelo “achata variações sociais, políticas e ideológicas” Wu (2015 apud SAYURI, 2017) entre os diversos grupos de brasileiros com ascendência asiática presentes no país, novamente reforçando que este mito é aplicável principalmente aos que possuem ascendência de países ao leste da Ásia, em especial, aos nipo-brasileiros, podendo ser atribuído a um contexto em que, nos anos 1960 e 1970, a elite paulistana tinha como modelo de progresso a modernidade japonesa e, desta forma, almejava ser igual a ela em um futuro próximo. Assim, como afirma Lesser:

Os nipo-brasileiros converteram-se no veículo dessa transformação. Conforme os nikkeis trocavam zonas rurais de seus pais imigrantes por profissões urbanas, eles se tornaram os “melhores brasileiros”, em termos de sua capacidade de modernizar o país, e os “piores brasileiros”, porque se acreditava que eles eram os que menos provavelmente realizariam o sonho cultural do embranquecimento (2008, p.30-31).

Assim, são criados os estereótipos supostamente “positivos” do asiático dedicado, próspero e pacífico, tal qual a de “uma minoria étnica louvável, economicamente ativa, politicamente inofensiva” (SAYURI, 2017), carregando consigo tons altamente meritocráticos ao enfatizá-los como não-negros, pois polariza injustamente tais grupos ao culpabilizar a população negra desconsiderando as mais variadas formas em que o racismo sistêmico e institucionalizado atua sobre estes corpos. Assim, brasileiros com ascendência asiática são utilizados como instrumentos (modelos) para reforçar tanto o racismo antinegro quanto também de outros grupos minoritários, como os indígenas, perpetuando a ideia de que trabalhando duro se alcançará o sucesso de maneira correspondente aos asiáticos (SAYURI, 2017). Como argumenta Hall:

Sempre se deve ter consciência da forma específica da própria existência. As ideias não são simplesmente determinadas pela experiência; podemos ter ideias fora da própria experiência. Mas precisamos reconhecer também que a experiência tem uma forma, e se não refletirmos bastante sobre os limites da própria experiência (e a necessidade de se fazer um deslocamento conceitual, uma tradução, para dar conta de experiências que pessoalmente não tivemos), provavelmente vamos falar a partir do continente da própria experiência, de uma maneira bastante acrítica (2003, p.15).

Não obstante, o mito da minoria modelo, ao constantemente atribuir a inteligência como característica inerente ao ser asiático, pode fazer com que brasileiro-asiáticos se sintam pressurizados não somente a viver sob incessantes expectativas, mas como também a se conformar a tal estereótipo, gerando uma cobrança maior de si mesmo, muitas vezes havendo a internalização desse pensamento, ainda reproduzido por muitos (SUE et al., 2007).

#### **4. Como o Design Social pode produzir subjetividades a partir de vivências**

Desta forma, o design pode vir a ser um meio que interfira e esteja engajado socialmente, uma vez que o designer, como ser cultural, está perpassado por inúmeros fatores tais como localização, raça, gênero, sexualidade, classe, etc. que influenciam no modo como ele produz, já que, como qualquer outro indivíduo, possui um posicionamento sobre questões que o cercam. Assim, o chamado design social propõe uma atuação que possa “[...] incluir também, além do cliente e seu público, o mundo e seus problemas” (MIYASHIRO, 2011, p.69) e, portanto, como diz Neves:

Na contramão da área de interesse da venda de produtos e serviços, abordamos uma área de atuação do design gráfico cujo foco não é o mercado, mas o resultado social trazido por ele. Ou seja, o design gráfico utilizado como ferramenta de questionamento e mobilização social, dedicado à difusão de ideologias e à busca de melhoria social (2011, p.45).

Guattari e Rolnik (2005 apud MIYASHIRO, 2011) trazem a ideia da produção de subjetividades que podem partir de reflexões e inquietações sobre as próprias vivências, levando à produção de um design com preocupações sociais ao ter a possibilidade de abordar temas diversos como gênero e identidade, entendendo o espaço público como local de manifestações:

Seja em altos edifícios de São Paulo; em lixeiras e postes de eletricidade, em cartazes, pichações, stickers e murais. Todos são suportes e oportunidade para expressões gráficas de caráter político e social, enquanto disputam a atenção em meio às propagandas, luminosos e à própria confusão cotidiana – o espaço público pode significar um contato direto com o público, e, muitas vezes, um meio de alcance as massas (NEVES, 2011, p.75).

Para citar alguns exemplos, Neves (2011) faz menção ao Atelier Populaire, grupo formado por estudantes parisienses que, insatisfeitos com o sistema educacional e as condições de trabalho, ocuparam a Escola de Belas Artes de Paris e fizeram dela um centro de produção de cartazes e slogans em meio à situação em que a França se encontrava em maio de 1968.

Com a combinação de imagens e slogans, os cartazes do Atelier Populaire tinham uma mensagem direta e provocativa, sendo criados e reproduzidos com o uso de estêncil, serigrafia e litografia com baixo custo de produção, quase sempre com apenas uma cor e tipos criados a mão (NEVES, 2011, p.56).

**Figura 13. Cartaz do Atelier Populaire.**



**Fonte: Creative Review**

**Figura 14. Cartaz do Atelier Populaire.**

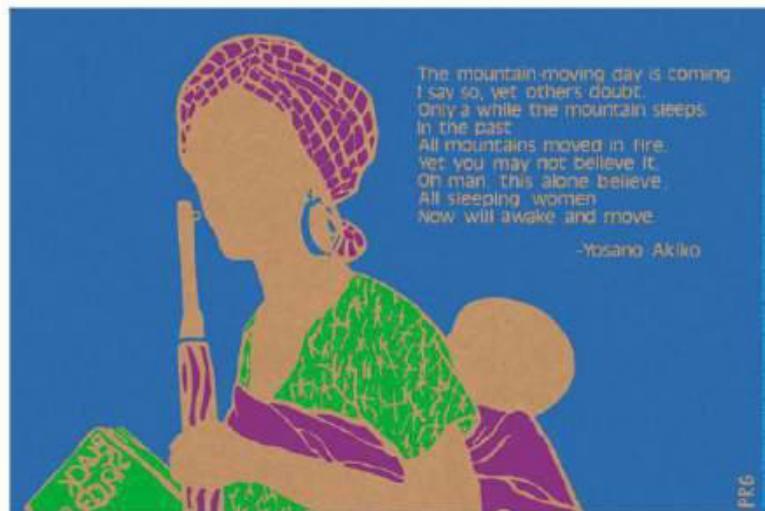


**Fonte: Open Culture**

Outro exemplo citado por Neves (2011) é a do movimento gráfico feminista Chicago Women's Graphics Collective criado em 1970. Criavam-se cartazes sem autoria para enfatizar o coletivo do grupo que defendia a libertação das mulheres.

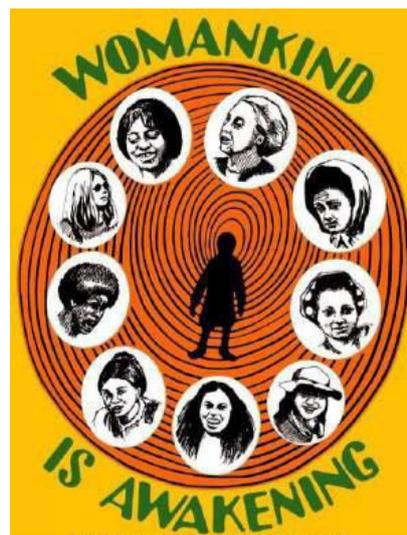
As criações do grupo mostram uma linguagem gráfica característica dos anos 1970, com referência direta à produção visual daquela época. A técnica mais usada para impressão era o silkscreen, visando à criação de cartazes grandes e muito coloridos a baixo custo. Posteriormente, passaram a usar impressão offset, pois pôsteres tornaram-se bastante requisitados e precisavam de maiores tiragens (NEVES, 2011, p.57)

**Figura 15. Cartaz do Chicago Women's Graphics Collective.**



**Fonte: CWLU Her Story Project**

**Figura 15. Cartaz do Chicago Women's Graphics Collective.**



**Fonte: CWLU Her Story Project**

Portanto, entendendo o designer gráfico como agente comunicacional e construtor de significados, Miyashiro (2011) propõe uma formação mais reflexiva e crítica, com maior preocupação no conteúdo e na forma em que uma mensagem está sendo transmitida ao público, considerando e questionando a não-neutralidade de discursos presentes em nossa sociedade. Projetar para "um mundo real" significa, então, conhecer e se engajar emocionalmente nas lutas políticas e na construção de uma sociedade mais justa.

## Referências

A ESTIRPE do Dragão. Direção: Harold S. Bucquet. EUA: Metro-Goldwyn-Mayer, 1944. 147 min. son., p&b.

A FACE de Fu Manchu. Direção: Don Sharp. Reino Unido, Alemanha: Seven Arts, 1965. 96 min. son., color.

A FILHA do Dragão. Direção: Lloyd Corrigan. EUA: Paramount Pictures, 1931. 79 min. son., p&b.

BONEQUINHA Chinesa. Direção: Frank Borzage. EUA: United Artists, 1958. 99 min. son., p&b.

BONEQUINHA de Luxo. Direção: Blake Edwards. EUA: Paramount Pictures, 1961. 115 min. son., color.

CHOW, Kat. 'Model Minority' Myth Again Used As A Racial Wedge Between Asians And Blacks. NPR, EUA, 19 abr. 2017. Disponível em: <<https://n.pr/2kM6E1k>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CROSSLEY, Lucy. Last living Chinese women with bound feet pictured. Daily Mail, Reino Unido, 9 jun. 2014. Disponível em: <<https://dailym.ai/2mfQq0J>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

DANTAS, Sylvia Duarte et al. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, 2010.

DEZEM, Rogério. Matizes do "Amarelo": Elementos formadores do imaginário sobre o japonês no Brasil. Projeto Integrado (PROIN) do Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ESQUADRÃO Suicida. Direção: David Ayer. EUA: Warner Bros Pictures, 2016. 122 min. son., color.

FANG, Jenn. What is Orientalism, and how is it also racism? Reappropriate, EUA, 17 abr. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2kBj644>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

GANDHI, Lakshmi. Four Asian-American Women You Didn't Learn About in School. NBC News, EUA, 1 mar. 2017. Disponível em: <<https://nbcnews.to/2IViTBw>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ISOLA, Ashley. Yellowface, the Yellow Peril, and the rise of the kung fu master. TCNJ Journal of Student Scholarship, vol. 17, EUA, 2015.

JENKINS, Miz. Asian Women, American GIs and Modern Rape Culture. Persephone Magazine, EUA, 25 mai. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2kBI9oK>>. Acesso em: 2 mai. 2017.

KILL BILL: Volume 1. Direção: Quentin Tarantino. EUA, Japão: Miramax Films, 2003. 111 min. son., color.

LESSER, Jeffrey. Uma Diáspora Descontente: Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- LOTI, Pierre. *Madame Chrysanthème*. Nova Iorque: Current Literature Publishing Company, 1910.
- MADAMA Butterfly. Compositor: Giacomo Puccini. Milão: Giacomo Puccini, 1904. 3 atos - 3 cenas.
- MADAMA Butterfly. Direção: Marion Gering. EUA: Paramount Pictures, 1932. 86 min. son., p&b.
- MEMÓRIAS de uma Gueixa. Direção: Rob Marshall. EUA: Columbia Pictures, 2006. 145 min. son., color.
- MIYASHIRO, Rafael Tadashi. Com design, além do design: os dois lados de um design gráfico com preocupações sociais. In: BRAGA, Marcos da Costa (org.). *O Papel Social do Design Gráfico: História, Conceitos e Atuação Profissional*. São Paulo: Senac, 2011. p.65-86.
- NEVES, Flávia de Barros. Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico. In: BRAGA, Marcos da Costa (org.). *O Papel Social do Design Gráfico: História, Conceitos e Atuação Profissional*. São Paulo: Senac, 2011. p.45-63.
- O BÁRBARO e a Gueixa. Direção: John Huston. EUA: 20th Century Fox, 1958. 105 min. son., color.
- ONO, Kent A. e PHAM, Vincent N. *Asian Americans and the Media*. Cambridge: Polity, 2009.
- PARK, Michael. *Asian American Masculinity Eclipsed: A Legal and Historical Perspective of Emasculation Through U.S. Immigration Practices*. The Modern American, vol. 8, EUA, 2013.
- PARK, Patricia. *The Madame Butterfly Effect: Tracing the history of a fetish*. Bitch Media, EUA, 30 jul. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2IWnNW5>>. Acesso em: 4 mai. 2017.
- PETERSEN, William. *Sucess Story, Japanese-American Style*. The New York Times, EUA, p. 180, 9 jan. 1966.
- QIN, Amy. *Qiu Jin, Beheaded by Imperial Forces, Was 'China's Joan of Arc'*. The New York Times, EUA, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://nyti.ms/321CZB4>>. Acesso em: 23 ago. 2019.
- ROHMER, Sax. *Mistério do Dr. Fu Manchu*. EUA: Methuen Publishing, 1913.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAYONARA. Direção: Joshua Logan. EUA: Warner Bros Pictures, 1957. 147 min., son., color.
- SAYURI, Juliana. *O mito da minoria modelo*. VICE, São Paulo, 7 fev. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2kCrfoT>>. Acesso em: 19 abr. 2017.
- SIXTEEN Candles. Direção: John Hughes. EUA: Universal Pictures, 1984. 93 min. son., color.

SUE, Derald Wing et al. Racial Microaggressions and the Asian American Experience. Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology, EUA, 2007.

THEATRO Municipal do Rio de Janeiro apresenta Madama Butterfly, de Giacomo Puccini. Midiorama, Rio de Janeiro, 26 nov. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2miNZKZ>>. Acesso em: 4 mai. 2017.

WANG, Hanying. Portrayals of Chinese Women's Images in Hollywood Mainstream Films: An Analysis of Four Representative Films of Different Periods. Intercultural Communication Studies, China, 2012.

WOAN, Sunny. White Sexual Imperialism: A Theory of Asian Feminist Jurisprudence. Washington and Lee Journal of Civil Rights and Social Justice, EUA, 2008.